N.° 22. VOL. I.

O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.
Ovid. Met. IV.

Quarta Feira 15 de Setembro de 1830.

Canto III.

A MULHER CASADA.

Ditoso o ómem, a quem Deos virtuosa
Mulher em recompensa deo: ella enche
Seu peito d'alegria; a sua caza
De mil riquezas. Véde seus encantos,
Como guia os seus passos magestosa,
Qual uma Divindade. Suas vistas
Os cuidados dissipão, quaes aos raios
Do sol os nevoeiros se dissipão.
Filhos amaveis girão d'ella em torno
Pegados ao vestido, quaes Amores
Da Cypria Deosa ao cinto suspendidos.
Do esposo seu penetra intimo peito
Com seu doce discurso: elle os olhos
Levanta para o Ceo: sua fortuna

Exalta, e porque o Eden sobre a terra
Achou, graças tributa á Providencia.

De magestoso rio junto ás praias
Viver de certo é bello: os seus navios
Mandar além do Oceano: em ferteis prados
Fazer pastar innumeros rebanhos:
Vêr o trigo colher nos proprios campos,
De riquezas cobertos: ou na terra
Cavar mina abundante de thesouros:
Cheio de gloria n'um circ'lo d'amigos
A' alegria entregar-se: do monarca
Ser livre dos pezares: e favores
Poder distribuir: mas é mais bello
Poder ao Ceo render acções de graças
Nos braços de consorte virtuosa.

Qual deixa a Aurora o seio do Oceano
Deixa o leito do esposo, e se levanta
P'ra espalhar a alegria em sua caza,
Como o sol no Universo. Suas faces
Não se molhão com aguas d'artificio;
O lindo rosto lava em clara fonte,
Parece Venus ao sahir do banho.
Os fluctuantes cabéllos adornando
Não gasta as horas. Do Japão as sedas
Vaidosa não mostra. Airoso talhe
Vestido branco adorna; meia aberta
Uma flôr lh'orna a frente; assim acorda
Com o beijo matinal o seu esposo.
Para tomar o chá com elle á meza
De si em volta junta amaveis filhos.
Pela manhã se os publicos negocios

O seu marido chamão, retirada
A' fresca sombra no jardim campestre
Com a agulha trabalha, em quanto um filho
P'ra a sua irmã tecer uma grinalda,
Ou colhe flores; ou a rã persegue
Entre humido capim; ou ver se agarra
As borboletas multicores busca.
Muitas vezes tambem desce no terreiro;
As galinhas de poupa alli contempla;
Em quanto do alto tecto desce immenso
Rebanho de pombas, que a senhora cercão.
Suas ordens depois dá na cozinha,
Ou desce á adega: aqui toma cuidado
Dos thesouros do Rheno, e de Tockai.
Aos filhos dá principios de virtude,
Instrucções d'innocencia, e de modestia,
Brilhantes privilegios de seu sexo.
A mestres mercenarios não se entrega,
Nem supersticiosas mestras busca
Para formar o coração sensivel
Dos filhos seus: da persuasão emprega
O encanto, p'ra pintar as acções bellas,
Sublimes historias, que virtuosas
Paixões nas tenras almas lhes infundão.

Oh como venturosa passa a vida!
Que ternura, que tem para o esposo,
A quem annos são dias, noutes horas!
Nunca o ciume o coração lhe inflamma;
Nunca em sua alma concebeo suspeita
Contra a da esposa fé ou castidade.
Subornador brilhante da innocencia,

O falso bel — esp'rito, louco garrulo
Jámais um lugar tem na sua meza.
Vaidosa as devotas não frequenta,
Que com seus votos a manhã profanão;
A' tarde maldizendo. Compassiva
Chora o destino de Zaira: ri-se
Vendo o fleugma de Orgon, e se diverte.
Quando sentada ao cravo accordes tira,
Do esposo o coração de prazer enche.
Por pequenas historias, que ornar sabe
Com graça, e realçar com novo gosto,
O prazer e alegria muitas vezes
No rosto vêr de novo faz do esposo.
Elle a respeita, a adora, e cada dia
Vê augmentar o encanto de seus olhos,
Crescer sua virtude. Elle ditosa
Por seu amor a torna. Só por elle
Ella respira, e se desejos forma,
Seus desejos só são de comprazer-lhe.
Que negra nuvem o seu rosto offusca...
Se do esposo o dever lh'o arranca aos braços!
C'os olhos triste o segue: suas vistas
Longo tempo se fixão sobre o carro,
Que se vae alongando, até que um valle
Occulta-o invejoso, ou a montanha
De denso mato cheia, que se eleva
Entre ella e elle. As demoradas horas
Solitaria, a esperança só lhe apressa:
Apenas sua magoa adoção filhos.
Porém do postilhão clarim lá sôa,
Suspende o curso estrepitosa roda.

E' seu esposo: a seu encontro vôa,
Em seu seio o aperta palpitante;
Trallo em triumpho aos filhos, que estão juntos.
Em seu esposo os ternos olhos fixos,
Não acaba de o vér, de contemplallo.
Qual festa alegre assim seus dias passa.

Do mais terno amor gosa longo tempo
A felicidade celeste. Da saude
Seus dias a frescura lhe coroa:
O bemfazejo Ceo sobre ella espalha
Suas mais ricas bençãos. Seu esposo
E' do reconhecido Estado arrimo:
D'elle as honras tambem recahem n'ella.
Seus filhos, tenros anjos d'ella em torno
Crescendo, cada dia são mais bellos.
De justas esperanças a alma cheia
A risonho futuro as vistas leva,
Da familia medita ventura.
Cahir dos Serafins o coro deixa
Sobre ella satisfeitos os seus olhos,
Porque as supplicas suas muitas vezes
Do Omnipotente Ser ao throno chegão.
Inflammados suspiros dá seu peito,
E nascer-faz divinos pensamentos.
Os votos d'esta mãe ouve extremosa
A Omnipotencia, e dá-lhe suas bençãos.
Oh como respeitavel se levanta
Da secreta oração! Como em seus olhos
Por lagrimas piedosas resplandentes
Reina a serenidade! O seu amado,
O Ceo por cujos dias implorara,

Oh como terna abraça! Longo tempo
Assim seus dias gastão; assim mostrão
De uma terna união, de fé constante
Exemplo raro ao corrompido seculo.
A gloria de seu sexo, alcança os votos
Em toda a parte. Assim do fim da vida
Cada vez se vae mais aproximando.
Nem força perderá, nem a coragem,
Nas que sobre a cabeça tempestades
Terriveis d'afflição se lhe formarem.

As Cabelleiras.

Continuação do N.º 21 Pag. 250.

No reinado de Luiz o *Grande*, resentio-se a cabelleira do caracter *grandiose*, que aquelle principe deo ao seu seculo. Ella assumio uma configuração immensa. Tambem não é ao seu gosto de engrandecer aquillo, que não inventára, que se deve atribuir esse aperfeiçoamento: para isso concorreo em grande parte o seu amor á peraltice. Debaixo d'aquelle enorme montão de cabellos é que o mais taful dos reis escondia certo lobinho, que muito feio lhe parecia, a despeito da opinião dos que lhe dizião á verdade; pois que elle, apezar de ter assignado a revogação do edicto de *Nantes*, era ómem de muito discernimento. Ás cabeças mais bem construidas adoptárão em breve este toucado; o qual foi ornar a fronte de todos os imperantes do seculo, á excepção de Cromwel.

No reinado de Luiz o *Bem Amado*, á grave uniformidade das cabelleiras succedeo a mais prodigiosa variedade. Foi n'esta epoca, tão celebrada pela invenção da polvora, que appareceo essa immensa quantidade de cabelleiras, diversas entre si na proporção da jerarquia e physionomia das pessoas, que as usavão. *Cabelleiras de aneis*, *cabelleiras de bolça*, *cabelleiras de rabo*, *cabelleiras redondas*, *cabelleiras quadradas*, todas estas cabelleiras assignalavão a inventiva dos cabelleireiros, em que aquelle seculo abundava.

A cabelleira era então da etiqueta n'um baile: ella destinguia o ómem; pela sua configuração se ajuizava d'aquelle, que a trazia. Cada profissão tinha a sua cabelleira privativa. A cabelleira de um presidente em nada se parecia com a de um brigadeiro; tambem era differente da do sapateiro a do alfaiate.

O uso da cabelleira foi por muito tempo interdito aos ecclesiasticos. Os prégadores clamavão contra ella com a mesma violencia, com que alguns curas ainda hoje prégão contra a vaccina, ou contra o *Liberalismo*. Os primeiros minoristas, que se atrevêrão a usar de cabelleira, soffrêrão a pena de excommunhão. E' verdade que este rigor foi pouco a pouco afrouxando: os bispos concedião licenças, que já por fim não se tornava preciso requerer. Até um papa, Lambertini, usou de cabelleira.

Digão o que quizerem, a cabelleira é um dos trastes mais uteis ao ómem. Ella disfarça a idade, obriga o respeito, e conserva a saude: muitos lhe de[illegible] até a vida.

Durante as guerras do Canada, um official Francez cahio nas mãos dos Iroquezes. Sabe-se muito bem que aquelles povos tinhão o costume de arrancar os cabellos a seus prisioneiros. Não foi pequeno o seu espanto, quando virão o Europeo, a quem ião fazer a tal operação, puxar elle mesmo pelos cabellos, e atirallos no meio d'elles. Não disputárão d'esde logo a passagem áquelle *feiticeiro*, o qual por certo perdêra a cabeça se não usasse de cabelleira.

No tempo do terror, foi a cabelleira de summa utilidade aos ambiciosos, que de manhã d'ella se servião para no almoço do ministro democrata occultar os péz, com que na vespera se havião preparado para assistir á céa do ministro aristocrata.

De La Tignacq, *mestre cabelleireiro de París, cáes da Cabelleira.*

ALMANACH LIBERAL.

O MINISTRO DA JUSTIÇA.

E' o ministro da justiça o depositario da porção mais importante e mais sagrada da authoridade do principe. Elle deve velar em todo o imperio da justiça; sustentar o rigor das leis, as quaes sempre tendem a enfraquecer-se; reanimar as leis uteis, que o tempo e as paixões dos omens houverem anniquilado; crear novas leis, sempre que os progressos da corrupção, ou a descoberta de novas necessidades, exigirem novos remedios; obrigar a

execução d'ellas, o que ainda é mais difficil do que fazêllas; observar com muita attenção os males, que na ordem politica, nunca deixão de ligar-se ao bem; corrigir esses males, quando possão vir a ser funestos; consentir nos que possão decorrer da constituição do Estado, restringindo-os todavia aos limites da necessidade; conhecer e manter os direitos de todos os tribunaes; destribuir todos os cargos por cidadãos dignos de servir o Estado; julgar aquelles, que julgão os ómens; conhecer o que se deve castigar e perdoar aos magistrados, pois que sendo estes por natureza frageis, não o póde ser o dever; presidir a todos os conselhos, em que de ordinario se discute a sorte dos povos; equilibrar a clemencia do principe com os interesses da justiça; e fazer junto ao soberano as vezes de protector, e não de calumniador da Nação.

MR. THOMAS. *Elogio de D'Aguesseau.*

O MUNDO.

O que é o mundo mesmo para aquelles, que o amão, que se deixão offuscar por seus prazeres, e não podem passar sem elle? O mundo! E' uma servidão perpetua, aonde ninguem vive para si, e aonde para se viver feliz, é perciso que o ómem beije seus ferros, e ame a sua escravidão. O mundo! E' uma revolução diaria de acontecimentos, que despertão no coração de seus partidistas as paixões mais violentas e mais tristes, odios crueis, perplexidades odiosas, temores dolorosos, ciumes devoran-

tes, e importunos pezares. O mundo! E' uma terra de maldição, onde até os prazeres trazem comsigo espinhos e amargura. O jogo cança e enfastia por causa de seus furores e caprichos; a opposição dos genios e a contrariedade dos sentimentos dos ómens tornão aborrecida a conversação; as paixões e as inclinações criminosas tem seus desgóstos, contratempos, e rixas desagradaveis; os theatros, não achando já nos espectadores senão almas grosseiramente dissolutas, e incapazes de gostar de tudo o que não sejão monstruosos excessos de devassidão, tornão-se insipidos, por isso que só excitão essas paixões delicadas, que apenas apontando o crime ao longe, armão ciladas á innocencia. O mundo, em fim, é um lugar, onde a propria esperança, que se costuma considerar como uma paixão tão suave, faz os ómens desgraçados; onde aquelles, que nada esperão, ainda se julgão mais miseraveis; onde tudo o que agrada não agrada por muito tempo, e onde o enfado é a sorte mais agradavel e mais supportavel, a que se possa aspirar.

Eis o que é o mundo; não o mundo obscuro, que despreza os grandes prazeres, os encantos da prosperidade, do favor e da opulencia; mas o mundo em todo o seu brilhantismo. Eis o que é o mundo; e não é esta uma d'essas pinturas imaginadas, e destituidas de toda a semelhança. Eu pinto o mundo segundo o vosso proprio coração, isto é tal qual vós o conheceis, e como vêdes todos os dias.

Massillon.

A Lei dos Soberanos.

O amor do povo, o bem publico, o interesse geral da sociedade, constituem a lei immutavel e universal dos soberanos. Esta lei é anterior a toda a especie de contracto: ella decorre immediatamente da Natureza, e como tal, é a origem e a regra infallivel de todas as outras leis. Aquelle, que governa, deve ser o primeiro mais obediente a esta lei primitiva... O tyrannico despotismo dos soberanos é um attentado contra os direitos da fraternidade humana; o despotismo, quando prevalece, é sempre em menoscabo da grande e sabia lei da Natureza, lei que elles tem a restricta obrigação de conservar.... O poder sem limites é um frenesi, que tende a arruinar a sua authoridade... Conservando-se a subordinação das diversas classes, mui bem se póde conciliar a liberdade do povo com a obediencia devida ao soberano, e tornar os ómens a um tempo bons cidadãos e subditos fieis, submissos sem ser escravos, e livres sem ser desenfreados. O amor da ordem é a fonte de todas as virtudes politicas, e divinas.

Fe'ne'lon. *Direcção para a consciencia de um rei.*

Maximas e Pensamentos.

A consideração pessoal acompanha-vos em todas a occasiões, em todos os lugares; a consideração relativa

a cada instante vos abandona. O que é um grande fidalgo sem a sua equipagem? ... O que é um ómem rico sem o seu cozinheiro?

Mr. Grim * * * *de la* Reyn * *

Os ómens declarão-se sempre contra a razão, quando a razão é contra elles.

Helvetius.

Raras vezes os ministros, que tem espirito, escolhem ómens de um genio superior para os empregos: elles os julgão muito indoceis, e pouco admiradores.

O Mesmo.

Os maiores prazeres da vida são muitas vezes sacrificados ao prazer de os sacrificar.

O Mesmo.

Nem sempre se deve dizer o que se pensa, mas preciso sempre pensar o que se diz.

M.me De Lambert.

O ómem é demasiado fraco para sustentar por muito tempo o pezo da afflicção; faltão-lhe as forças quer para suffocalla; quer para alimentalla.

M.me De Lussan.

S. Paulo: Na Typographia do Farol Paulistano.